2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

[SCIEN]CIAS–AGRICULTURA–INDUSTRIA–LITTERATURA–BELLAS-ARTES–NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 2. QUINTA FEIRA, 22 DE JULHO DE 1852. 12. ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

O BANCO DE PORTUGAL EM RELAÇÃO Á SITUAÇÃO FINANCEIRA.

> Le crédit, sous sa double forme de crédit public et de crédit privé, merite d'etre classé sur le même rang que la vapeur et l'imprimerie, au nombre de ces forces qui sont destinées, appelées á changer la face du monde, et qui sont en voie d'opérer sur la terre la transformation de toutes classes au profit de la liberté comme de l'ordre.
>
> M. CHEVALIER.

I.

O rigoroso cumprimento do plano da REVISTA nos impõe o dever de prestarmos a nossa attenção a um dos aspectos da mais importante questão economica do paiz.

A REVISTA não trata, não pode tratar da solução de questões que não sejam economicas e que não estejam ou não possam estar fora da infausta acção dos partidos.

Infelizmente, uma parte importante do assumpto que vamos considerar, só na região dos principios se póde collocar longe dessas paixões que tão caro fazem pagar ao paiz a sua prosperidade.

No campo do estudo em que vamos entrar, não veremos pessoas, nem pertendemos que nos vejam.

A discussão é só de principios e de argumentos: fora destes pontos não temos nada a considerar.

A REVISTA tem sustentado que, attendendo aos rapidos progressos que a Europa fez no caminho da civilisação, era impossivel que o paiz consumisse tempo e valores em luctas politicas, sem grave prejuiso dos seus mais queridos interesses.

Pelo espaço de 11 annos se tem mantido firme no terreno dos principios deste jornal o estandarte em que está escripta a esperança no futuro e a crença no presente.

A justiça que se vae fazendo a todas essas luctas cada vez mais nos robustece essa esperança e essa crença.

Temos sustentado a necessidade de um amplo desenvolvimento das forças productivas do paiz, fecundando a agricultura, protegendo a industria, e animando o commercio. Só temos reconhecido como meios seguros e verdadeiros de obter esses fins, o ensino, a facil e rapida viação, e o credito. Com este terceiro meio se prende hoje o ponto que está por nós sendo meditado.

Parece-nos que a nossa situação financeira representa o phenomeno, digno de estudo, de um paiz rico com um governo pobre. Sem as necessarias estatisticas, que nos faltam, assim mesmo as phases da nossa vida economica ha annos fazem ver crescer a producção nas differentes applicações do trabalho. Este crescimento se vê como o da planta que se observa em poucas horas.

Não pertendemos que esta proposição se considere como a guarda avançada de uma rede de novos tributos; mas diremos que fóra de Lisboa e Porto, onde a contribuição directa se accumula com desigualdade sobre alguns contribuintes, o imposto na sua irregular e muitas vezes camararia cotisação dá apenas um indicador do auxilio que poderá, sem prejuiso da producção, prestar ao estado, logo que hajam communicações rapidas, e progressos materiaes.

Todos os problemas economicos do paiz involvem uma incognita, em quanto as communicações internas não passarem do estado barbaro ao estado civilisado.

As cidades, as villas, as aldêas estão ao presente mais isoladas umas das outras, em Portugal, do que o resto das nações civilisadas em relação a cada uma dellas. A difficuldade do transito augmenta espantosamente a sua distancia. Ora sem ensino agricola nem industrial, sem communicações, é impossivel calcular o que deva ser, no estado de verdadeira civilisação, o nosso rendimento nacional: e sem tomar em consideração este rendi-

mento normal, tambem se não póde dizer nada sobre a receita futura do paiz.

Existe hoje no animo da nação uma idéa fixa, dominadora, assente em um convencimento intimo e em uma experiencia longa e dolorosa, é o desenvolvimento dos interesses phisicos da sociedade. Se ha 20 annos sobre este assumpto houvesse como hoje um desejo tão conforme e ardente, dois terços dos nossos erros e das nossas desgraças não se teriam escripto nas paginas da nossa historia moderna.

Estas considerações são as unicas lentes atravez das quaes, com verdade, se póde vêr a nossa situação financeira.

Conhecida a posição geographica do paiz, o seu solo e clima, basta suppor que uma rede de faceis communicações o cobre, que uma linha ferrea o liga por Hispanha ao coração da Europa e ao seu extremo, para conhecer que o oceano a entrar pelo nosso porto principal, um dos melhores do mundo, completa um quadro que a imaginação não alcança; mas que os vindouros não deixarão de contemplar com respeitosa admiração.

E estas eras quasi epicas da nossa vida do trabalho, depende da geração actual aproxima-las ou retarda-las.

E tal responsabilidade impoem deveres grandes e rigorosos.

Na situação actual o credito é o vapor que nos póde abreviar as distancias, que nos separam dessas eras. Os factos provam que os bancos são os instrumentos desta instituição, que assenta na confiança, isto é, no mais nobre e valioso sentimento moral do homem e da sociedade.

Não nos parecendo que na pratica da sciencia economica Portugal possa acertar mais do que a Inglaterra e a França — somos de opinião que não póde haver senão um só banco de circulação, e um só papel de credito circulante.

Entre outros artigos, em tres que nos lembra, fundamentamos já devidamente esta opinião, que não teremos duvida de mais amplamente sustentar: foram — o rendimento e despeza de alguns estados da Europa [1] — a crise commercial [2] — união dos bancos de França [3].

Partindo de tal principio, vejamos como a maneira de considerar a situação financeira póde inutilisar um verdadeiro elemento de prosperidade publica.

É facto historico que a maioria dos bancos de desconto e circulação assentam na base de contractos com o estado, nascidos de dividas que se não podem ou devem pagar de prompto. É facto incontestado que essas bases uma vez assentes, nenhum partido, nenhuma opinião deve promover a perturbação da harmonia, e das compensações que por tal forma se estabeleceram.

Em França, em Inglaterra onde a *liberdade dos bancos* tem um partido illustrado e importante, o mais que se faz é confiar a impugnação do systema em que se fundam os bancos dessas nações a escriptores distinctos, que do campo da theoria não passam nunca para discussões que enfraqueçam a confiança publica, que é de tanto dever conservar como a ordem social.

Em relação aos differentes governos, seja qual fôr o partido que representem, nenhum acto promove nem sequer a mais leve suspeita do desejo de não cumprir religiosamente o que foi contractado para manter e promover o credito por meio dos bancos.

Desgraçadamente em Portugal não se procede assim. Talentos elevados, intelligencias lucidas, trabalhos conscienciosos concorrem para manter em duvida permanente — o que para bem da prosperidade publica deve ser incontestado e fielmente cumprido.

E' de alta conveniencia desvanecer essas duvidas e esses receios, que taes meios tenham feito despertar no publico.

E' preciso, é indispensavel assentar que existe unidade de governo, que existe solidariedade dos actos da responsabilidade do estado.

As obrigações, o seu cumprimento reciproco, só devem depender dos factos que lhe deram origem, sem estar continuamente a depender dos homens. Como a generalidade das nossas observações não abrange pessoas, diremos, que á vista do que temos presenciado parece que em Portugal, á similhança dos contractos em relação aos vinculos — os contractos com o governo só podem contar segurança quando os immediatos successores tambem os approvam: mas neste caso os immediatos successores são muitos e mesmo alguns desconhecidos. O impossivel salta do absurdo da conclusão; mas a mais fatal das experiencias é que nos conduz a elle.

O governo deve ser sempre o mesmo para a observancia dos contractos, para a manutenção do credito — o que não sabe governar sem cumprir o que está garantido não tem direito a que se acredite, não só no futuro das suas promessas, mas nem ao menos na boa fé que as inspire. Por mais puras e patrioticas que sejam as intenções, é dos actos do governo que em tal caso nasce o direito, a necessidade absoluta de o não acreditar. E a desconfiança legal a minar a base do poder amortece a esperança dos mais legitimos e precisos melhoramentos.

Como não seja da nossa intenção referirmo-nos a um certo governo — as nossas observações abrangem todos os que se tem collocado em taes circumstancias.

Na actual situação financeira os argumentos com que mais se tem tentado (com as melhores intenções) pôr em duvida pontos importantes relativos ao Banco de Portugal, são:

Egualar a divida muito especial do estado para com o Banco a outras dividas do mesmo estado;

[1] Volume 7.° n.° 16.
[2] Idem n.° 18.
[3] Idem n.° 24.

Considerar como amortisadas pelo estado as notas do Banco de Lisboa, amortisadas em virtude da carta de lei de 13 de julho de 1848, sustentando que o Banco deve juro pelas notas do Banco de Lisboa pelo tempo da circulação;

Julgar que o pagamento do emprestimo dos 4 mil contos se póde sujeitar a qualquer deducção;

Sustentar por uma assersão isolada, que a venda feita pelo Banco das acções com juro sobre o fundo de amortisação a 80 por cento é de grande vantagem para o mesmo Banco.

Apontaremos algumas considerações sobre cada uma destas opiniões.

A igualdade absoluta — que na vida social se tem provado ser a maior das injustiças — não tem menos inconvenientes applicada a qualquer systema de finanças. E não se pense que impugnando esta igualdade, que é só ideal, votamos ao despreso o que se chamam dividas defenidas. Queremos para ellas alguma coisa de similhante ao que providenciou a lei hispanhola de 4 de agosto de 1851, que regulou a divida publica. — E' preciso recensear essa divida — saber o que ella é antes de a tomar como um tropeço para a collocar preferivel a contractos solemnes que regulam o mechanismo do nosso credito publico.

Convem recensear, classificar a divida defenida, e fixar as regras indispensaveis de prescripção para uma boa parte della.

Caminhando direitos ao nosso fim, que é observar a situação financeira em relação ao Banco de Portugal, pomos de parte muitas considerações que nos occorrem sobre diversas importantes partes dessa situação.

Em 1846 houve uma crise geral nas finanças do paiz. Os factos na sua simplicidade são os seguintes: — O estado quebrou — e os que com elle commerciavam licitamente em virtude da lei suspenderam os seus pagamentos, por uma consequencia necessaria que tem occorrido em todos os paizes em identicas circumstancias. Os maiores credores foram os primeiros a impossibilitar-se de solver os seus debitos. Os dois estabelecimentos monetarios — Banco de Lisboa e Companhia Confiança Nacional — suspenderam os seus pagamentos. O estado vendo as suas victimas considerou que abandona-las a uma liquidação prompta — era condemnar uma obra sua, era a mais certa e a mais injusta das ruinas. A moral publica — a fé dos contractos concedia a esses estabelecimentos um direito tanto ou mais forte contra o estado do que o concedido nas leis a favor dos credores de taes estabelecimentos. Ao passo que o processo de suas contas se fizesse nos tribunaes do commercio, o processo do credito do estado, a má fé das suas contas ficaria processada no grande jury da opinião publica. O governo não procedeu tão iniquamente. Foi convocada uma reunião dos interesses prejudicados na crise, e nesta convocação de devedores ao trabalho e ao capital do paiz o governo tinha o primeiro logar. Desta reunião sahiu uma concordata que foi o decreto de 19 de novembro de 1846.

A comparação das provisões do decreto com o importante relatorio que o precede é o nucleo das obrigações reciprocas, que desde a sua promulgação ligaram, não dizemos o governo, mas a nação, ao Banco de Portugal.

E' difficil transpôr o tempo para julgar os factos. Hoje, em 1852, não se podem avaliar como em 1846 as disposições desse decreto, das quaes muitas foram posteriormente confirmadas, como indispensaveis em theoria, pela crise geral da Europa de 1848. O que hoje a nós mesmos nos parece infundado, não podia deixar de ter nessa epocha um fundamento seguro, uma rasão incontestavel.

O meio circulante estava viciado — o necessario representativo dos valores, na facil circulação dos productos, tinha um desfalque que affectava toda a riqueza publica. As necessidades do estado eram taes e tão urgentes que o subsidio desse mesmo meio assim viciado lhe era preciso para solver os mais instantes encargos. Era em proveito immediato seu que tambem o curso forçado desse meio se decretava e que a sua somma se fixava. Ao mesmo passo o estado queria pagar, mas diferindo para longo prazo o pagamento de dividas vencidas, contrahidas com juro modico e sem que os seus credores houvessem dado menos do que o representivo dos seus creditos.

Os dois estabelecimentos monetarios que se uniam diferiam assim pagamentos que deviam receber de prompto, devendo considerar-se que uma parte dessa divida do estado era de immediato reembolso e servia para satisfazer as notas do Banco de Lisboa. Tambem este accordo teve um fim mais elevado e de effeitos mais remotos do que os que já consignamos — promulgou a existencia futura de um grande estabelecimento de credito — da ruina geral fez surgir a certeza de que se poderia esperar do Banco de Portugal, passado algum tempo, importantes serviços á prosperidade publica, sendo cumpridas as obrigações do governo para com esse nascente estabelecimento. Assim devia ser, porquanto era da liquidação dos creditos sobre o estado que devia provir o capital que tinha de destinar ao fomento da riqueza do paiz.

A todas estas considerações se acudiu por dois modos.

Juntando as dividas tão especiaes, a que alludimos, em uma só verba — o capital do Banco de Portugal:

Ficando um papel circulante com curso legal por certo espaço de tempo, e amortisação determinada. — Este papel foram as notas do Banco de Lisboa e a sua amortisação foi imposta ao novo Banco.

Os proventos deste meio circulante eram a compensação dos encargos a que o governo obrigava os dois estabelecimentos monetarios que se juntaram no Banco de Portugal — não só com a moratoria ao seu debito para com elles, mas ao pagamento

que lhe impunha de mais debitos do mesmo governo a differentes corporações e pessoas.

As notas do Banco de Lisboa deviam ser, portanto, durante vinte e tres annos moeda do Banco de Portugal.

Para se julgar do conjuncto de todas estas providencias, convem chamar a attenção sobre os seguintes periodos do relatorio do decreto de 19 de novembro que a ellas se referem; e são

« A intima ligação que existia entre as associa-« ções do Banco de Lisboa, e da companhia Con-« fiança nacional...; e a difficuldade de repartir o « Banco de Lisboa com a companhia o equivalente « do beneficio que lhe resultaria do curso legal das » notas, deu nascimento á idéa de reunir o activo « e passivo das duas corporações. »

« Todas as disposições... são por tal maneira « connexas e ligadas que em vão se quereriam se-« parar. »

E deve notar-se — que o pagamento feito pelo novo Banco a outros credores por supprimentos sem ser o Banco de Lisboa e companhia Confiança foi uma distribuição por esses credores do beneficio equivalente ao favor da circulação legal das notas que ficava desfructando.

Agora perguntaremos.

¿ Estam ou não pagos pelo Banco esses supprimentos?

¿ E onde está o favor do curso legal das notas do Banco de Lisboa?

¿ Não foi este reduzido de vinte e tres annos a muito menos tempo?

Será diminuto o interesse de tal circulação? Vejamos o prejuiso, que resulta para o Banco, de se não haver cumprido o que a tal respeito determinava o decreto de 19 de novembro.

Sendo a amortisação das notas de 216:000$000 annuaes, o juro sobre o nominal com giro a 5 por cento seria em vinte e tres annos.	2.905:840$682
Esse interesse fica reduzido pelas amortisações já feitas até 30 de junho e subsistindo a amortisação de 36:000$000 mensaes.	964:273$078
Eis aqui por tanto o prejuiso.	1.941:567$604

A esponja da egualdade não pode apagar as circumstancias especiaes das dividas do estado a um estabelecimento de credito a quem se impoem obrigações e se retiram compensações.

O Banco, á custa de sacrificio seu, deu rasão aos clamores levantados para encurtar o espaço, em que deve usufruir o curso legal das notas. Ahi está a prova nas capitalisações que as retinham em seus cofres, e que annualmente lhe custaram cerca de 30:000$000. E apesar de anteciparmos um argumento a outro ponto deste trabalho, não podemos deixar de recommendar aos contadores dos juros que o Banco deve pelas notas do Banco de Lisboa, que não se esqueçam de explicar que juro elle deve ao estado pelas que capitalisou.

Não se julgue que sustentamos a permanencia das notas do Banco de Lisboa como meio circulante por vinte e tres annos: concedemos que foi beneficio publico abreviar este espaço — mas se tal beneficia se adquiriu á custa de uma das partes de um contracto — o seu direito não se deve occultar nem sofismar.

É por tanto impossivel pelo contracto que reconhece os direitos de dividas contrahidas pelo estado ao par e juro modico — que no acto da sua propria promulgação augmentou mais a divida e pela falta das compensações que se offereceram pelos encargos — o egualar a divida do estado ao Banco ás outras dividas do mesmo estado.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(Continúa.)

DESCOBRIMENTOS SCIENTIFICOS DO SECULO XIX.

Galvanoplastica e a douradura chimica.

(Continuado de pag. 4.)

As indicações de Brugnatelli eram, como se disse, expressas em termos tão vagos que não moveram os sabios a proseguir no exame do facto que annunciava; os ensaios do physico de Pisa não poderam influir na creação da electro-chimica. Igualmente não tiveram seguimento os factos avulsos observados por Mr. Daniell e M. de la Rive.

Porém, pelos fins de setembro de 1837, um physico inglez, ainda moço, Mr. Thomas Spencer, dedicou-se a repetir e verificar as bellas experiencias de M. Becquerel sobre a formação artificial das especies mineraes com o auxilio de correntes electricas de fraca intensidade; no decurso destes ensaios o acaso lhe forneceu occasião de confirmar o facto, que devia dar nascimento á galvanoplastica. Mr. Spencer trabalhava com um só par voltaico formado por um disco de cobre junto por um fio metallico a um disco de zinco. O elemento cobre mergulhava-se n'uma dissolução de sulphato de cobre, o elemento zinco n'uma dissolução de sal marinho; ambas ellas, mettidas em vasilhas de barro, estavam separadas por um repartimento poroso de gesso. É o pequeno aparelho, construido por Mr. Becquerel, para produzir uma corrente electrica fraca e continua; é uma pilha voltaica, reduzida por assim dizer á sua expressão mais simples. O fio de cobre que reunia os dois metaes era envernisado com a cera que é especie de lacre: succedeu que alguns pingos deste cahiram no disco de cobre e adheriram a elle de tal modo que, posto em acção o pequeno aparelho, o cobre reduzido depositando-se sobre o elemento negativo veio fixar-se nas bordas dos pequenos pingos cahidos na chapa. O metal precipitado tinha demais disso o brilho, a cohesão e todas as propriedades do cobre obtido pela fusão. — « Percebi logo (diz Mr. Spencer) que estava na minha mão encaminhar á vontade a

deposição do cobre, e vasal-o em certo modo em regos abertos a buril n'uma chapa de cobre envernisada.

Mr. Spencer tomou uma chapa de cobre, deu-lhe uma camada de verniz resinoso, sobre este abriu lettras com um buril, e submetteu a lamina de cobre assim preparada á acção de uma corrente voltaica. O resultado foi como o previra; o metal reduzido veio encher os riscos traçados no verniz e formou verdadeiros caracteres typographicos de cobre. Mr. Spencer conseguiu dar a este processo a regularidade e exactidão bastantes para poder submetter-se á prensa typographica uma chapa de cobre cheia desses caracteres em relevo. No anno de 1838 foram distribuidas ao publico provas em papel obtidas com esta especie de *cliché* de origem electrica.

Todavia, se as investigações de Mr. Spencer não tivessem resultados mais importantes, é provavel que não nascesse ainda a galvanoplastica. Felizmente, outro acaso lhe fez contemplar o seu descobrimento sob outro aspecto. Certo dia, carecendo de uma chapa de cobre para formar um dos seus pequenos aparelhos voltaicos, e não achando á mão um disco deste metal, tomou uma peça de moeda que reuniu por um fio metallico a uma rodella de zinco: este par foi disposto como de ordinario, e a deposição começou a effectuar-se. Mas como, decorridas algumas horas, a experiencia não caminhava conforme o seu desejo, desmontou o aparelho e poz-se a arrancar aos bocados o cobre reduzido que recamavá o elemento negativo. Não foi pequena a sua admiração vendo todos os accidentes, todos os toques da peça de moeda, reproduzidos naquelles fragmentos de cobre com extraordinaria fidelidade. — « Resolvi então (continua o inventor) repetir esta mesma experiencia, fazendo uso de um medalha de cobre de consideravel relevo. Formei como anteriormente um aparelho voltaico; fiz depositar-se uma crusta de cobre de perto de um millimetro de grossura; depois, separei com cuidado, e não sem algum custo, o deposito formado: examinei o resultado com uma lente, e vi todas as particularidades da medalha reproduzidas com maravilhosa fidelidade na contra-prova voltaica. »

Feita esta experiencia, estava achada a galvanoplastica. Escusado é dizer que depois de ter assim vasado medalhas e peças de moeda, Mr. Spencer serviu-se destes moldes para obter contra-provas, que eram perfeitos facsimiles do original. Nos primeiros mezes de 1838 as moedas e medalhas assim obtidas eram cousa commum em Liverpool. Submetteram-se algumas ao exame de um habil cunhador de medalhas de Birmingham; este perito declarou que as medalhas commettidas á sua inspecção eram cunhadas pelo balancim; sómente notava « que se havia alterado o reverso dessas medalhas pelo emprego de acidos. » — E accrescentou caridosamente que aconselhava Mr. Spencer a que não arriscasse a sua reputação prolongando similhantes mystificações!

Ao mesmo tempo que este descobrimento se effectuava em Liverpool, Mr. Jacobi, na Russia, era conduzido por outra via a resultados quasi identicos.

(Continúa.)

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XXIX.

CONFIDENCIAS.

(Continuado de pag. 10.)

Em quanto as duas meninas fallavam a seu respeito, Jeronymo sentindo-se triste tinha descido ao jardim. Não era magoa nem pezar, mas uma vaga melancolia, que lhe cubria o coração. O dia sereno, o sol, e as flores, não o distrahiam. Achava dentro em si um receio, uma apprehensão, cuja causa ignorava, cujo effeito debalde combatia.

Esta alma firme em vêr o rosto aos perigos, costumada a medir-se sem fadiga com os trabalhos, desanimava facilmente com as penas do amor. O mancebo, que ainda creança fazia pasmar o padre Ventura nas selvas da America pela serenidade em contemplar a morte; o soldado que nos temporaes do oceano, e na refrega das batalhas, podia contar as pulsações do peito e não as ouvir mais rapidas, era na presença de Theresa timido de coração que nem uma donzella!...

Bastava algum rigor nos olhos da filha de Filippe para os seus perderem todo o brilho. Nos animos fortes vê-se isto quasi sempre! A alma entrega-se e não exulta senão depois de fundir na sua ternura infinita os grandes affectos, que são a alegria e a dôr do homem: o carinho filial, a sensibilidade materna, e o amor paixão!

A contar dos annos, em que a mocidade principia a sentir, adivinhando a vida, Jeronymo absorveu a sua na adoração da irmã de Cecilia. Na distancia, e no estrepito das armas, a saudade de Theresa acompanhava-o. Entre as recordações ditosas da patria e da familia, a imagem querida sorria-se e alentava-o; o seu jubilo era vel-a e ouvil-a dentro da alma; fugir do mundo para a solidão com ella; e suavisar as vigilias do campo e do convez entretido com estas memorias e cuidados, tão suaves de gemer, tão doces de escutar!

Queria muito a Cecilia, ainda a julgava mais seductora, mas os seus modos infantís e os seus caprichos assustavam-no; tinha medo de lhe confiar a felicidade. O caracter serio e reflectido

de Theresa attrahia-o mais. Costumou-se a consagrar-lhe todas as saudades, a invocal-a em todos os transes e combates, como ao seu anjo consolador. Juntos, não formava um desejo, não tinha verdadeiro praser, senão unindo o coração ao della. Ausente, as formosuras raras pareciam-lhe menos bellas. De dia e de noite via os olhos de esmeralda, cheios de silencio, nas ondas agitadas, no tremulo resplendor, nas folhas luxuriantes dos tropicos. O tempo não consumiu, exaltou o affecto; o amor fez-se paixão. E que amor! A chamma de uma alma immensa na ternura, unica no sentimento!

Ao pé della, Jeronymo não queria viver senão do sorriso e da luz, que lhe concedia. Esta paixão, submissa e sensivel, tinha lagrimas e prazeres secretos que ninguem sabia. Uma palavra mostrava-lhe ás vezes o paraiso; a mais ligeira nuvem, passando pela fronte da donzella, carregava a sua de tristeza. Os desejos de Theresa eram ordens; os menores enfados pareciam-lhe infortunios. Era um escravo abençoando os ferros voluntarios; era um fanatico absorto no extasis perpetuo! Sem desgosto quebraria a espada, se todo o seu orgulho não fosse subir mais para a elevar comsigo.

As saudades, que o magoavam longe, soffria-as sem queixume. O que valia o sacrificio proprio, quando a gloria obtida faria feliz a esposa da sua escolha? Era tão válida a fé, que chegou a não acreditar na morte, suppondo-se invulneravel pela virtude do amor! Temerario, como a audacia, ardente na lucta, porque a lucta era a sua estrada, ria-se dos perigos passando por elles certo de achar premio logo adiante. A muitos o cançaço da vida arroja-os a competir com o impossivel. Nelle a paixão era o heroe. Se a imagem de Theresa, apagando-se de repente, deixasse de o illuminar, o braço e o coração caíam sem poder.

Os sentidos nunca lhe profanaram a ternura. Se amasse um anjo, não podia elevar mais a pureza do seu culto. Era a virgindade timida, a candura ingenua de um coração infantil. O amor nascia d'alma e não da imaginação; estava no espirito, e não nos labios. A casta chamma ardia em toda a innocencia, e não se maculava com os apetites sensuaes. Em tantos annos, ousára aspirar só aos favores, que o mais delicado pudor nunca receia conceder.

Pobre Jeronymo! Como elle amava! E como a fortuna o trahía, fingindo-se amiga! Se conhecesse a verdade!... Para quê? Os animos fortes, quando se confiam, e se deixam dominar, resistem poucas vezes! A dôr que os córta é a primeira e a ultima; e se o desengano chega tarde, o coração estala de o ouvir; porque excedeu a medida humana. Não se resignam, nada lhes resta a que se abriguem! O tempo não os cura; nelles foi a vida que morreu! Tambem os prantos não consolam. Existiam pela união de outra alma; e expiram apenas sabem que estão sós. Acabada a illusão, não tem que desejar nem que perder! D'ahi por diante o mundo serve-lhes de desterro; é um deserto, em que a saudade os arrasta, procurando a ventura que passou.

O resto (ainda alguns mezes de martyrio), não é viver. A bocca toma aquelle sorriso pallido, que parece aberto em marmore, e diz mais do que os lamentos e os suspiros. A fronte cobre-se de lucto, e apesar de mil esforços deixa impressas no rosto as sombras da funebre desesperação. Sem brilho, e sem calor, a vista fria como o coração, e morta como a esperança, parece não vêr mais que o tumulo, aonde está sepultada a felicidade! Julgando de leve, e não vendo manar sangue, o mundo olha e exclama: « esqueceu; consolou-se! » Mas o observador, pondo a vista mais longe, sente-a arrasada d'agua, porque sabe que depois de se gosar o amor nunca mais esquece! A alma queixosa calla-se. O que tem ella a dizer aos homens? O seu refugio é o silencio e a melancolia da noite, para voltar aos sitios, em que foi ditosa, similhante ás sombras dos que já viveram. O mais é falso. O sorriso que dorme sobre os labios mudos, a palavra que apenas está na bocca, representam a comedia do orgulho, e não fazem senão mentir. Perante Deus, cahe a mascara, e as memorias do passado revoando cravam um espinho novo, e ateiam as chammas do incendio. Depois do amor, a paz e o esquecimento estão na morte.

Tudo fica insensivel, menos o logar, em que a paixão gravou em fogo a sua imagem, indelevel, eterna, capaz de resistir aos invernos da velhice, ao delirio dos sentidos, e ás fadigas da ambição. Mesmo aos pés de outra, mesmo cuidando esquecer, o coração lembra-se, e não offerece mais do que um suspiro sem ardor! Nos braços de amores voluveis, a rasão córa, a saudade magoa-se, e a alma despertando com horror foge para o asylo doloroso, aonde padece. Entre o riso que não passa dos beiços e as phrases que não sahem do peito, o martyrio chora; Em um sitio conhecido, a uma palavra solta renasce a dôr, e duas lagrimas prezas e silencio-

sas queimam-se de repente na faisca, que tudo abraza.

O sacramento da alma é o amor. Por elle se resgata a vida. e se espera o paraiso. Quem o perdeu nem se consola, nem se vence: sobre tudo se a sensibilidade o fez poeta. Ha de combater, e ha de amar, embora negue. Feliz ainda se a intelligencia resta! No Tasso e no Dante sobreviveu ao menos o pensamento ao coração!

Theresa, não querendo, concorria para entreter a fatal esperança de Jeronymo. O mancebo julgava-se amado, suppunha-se correspondido, e media pelo seu o affecto della. Crente, nada o esclarecia, e tudo conspirava para o illudir. Estava abraçando como realidades as visões do seu desejo. Sem suspeitas, com a sublime confiança na vida e no amor, que é o precipicio das grandes almas, via só flores entre a ventura e a paixão.

Os bellos olhos, timidos e melancolicos, que fugiam dos seus, não o advertiam. O tremor da mão, se elle a beijava, e mais ainda a pallidez do rosto, se alludia ao proximo enlace, nada indicavam ao amante credulo. Outro menos cego teria duvidado; elle nunca. Thereza amava-o, senão dizia-lho! Eis a sua idêa. Para o convencer seria necessario que ella podesse revestir-se de valor e exclamar: « não, Jeronymo, ambos nos enganámos: tu acreditando que a paixão é a amisade; eu tomando o carinho de irmã pelas ternuras do amor. »

Tudo influiu para se prolongar o erro. O commendador, cujo desejo era este enlace, absorvido nos livros, e declinando com a idade, estava pouco em estado de sondar a verdade, e contentava-se com as apparencias. Filippe da Gama não brilhava pelos dotes do espirito, e conhecia muito mais a sereia dourada da charrua da India, do que o mysterio quasi impenetravel do coração humano. Porque era mulher e mãe, parecia Magdalena a pessoa propria; mas ainda que ás vezes achasse frio de mais o coração da filha, não se assustava nem tinha apprehensões. Avaliava pelo seu caracter o da noiva de Jeronymo. Deste modo, uns adormecidos, outros cheios de credulidade, davam as mãos, e com toda a innocencia eram causa de irremediaveis infortunios.

Como dissemos, Jeronymo sentindo-se melancolico descêra ao jardim. As janellas do quarto de Theresa deitavam para a rua em que elle passeiava. Dobrando aqui o passo, mais adiante demorando-se ao pé de uma arvore, e porfim assentando-se com a cabeça entre as mãos, o mancebo representava a figura da distracção. Ao mesmo tempo a irmã de Cecilia, envolta no penteador de renda e com as tranças ainda soltas, vinha encostar-se por dentro dos vidros, olhando sem vêr para os ramos nus, para as plantas destoucadas e tristes como a sua alma. De repente descubriu o mancebo e seguindo-o por entre as voltas ornadas de buxo, e as grades vestidas de jasmineiros, os seus olhos fizeram-se humidos e pezarosos. O suspiro que veio tremer á flôr dos labios era como um adeus á serenidade dos dias de candura, em que o innocente coração podia viver ditosamente de illusões, porque ainda ignorava a realidade.

Theresa tinha querido vencer-se e expiar a dôr alheia; mas um poder occulto, uma voz que tinha medo de ouvir, e apesar disso ouvia sempre, dizia-lhe que não seria meritorio o sacrificio, e que a desgraça em logar do affecto viria sentar-se sobre o leito nupcial, trazendo a pallida agonia e o remorso inconsolavel. A contar da tarde, em que sondando a sua alma achou que estava muda, tinha visto uma revolução completa em si. Á paixão, com que sonhava d'antes, associava-se agora uma idéa incessante; e via-a insinuada nos menores desejos, em todas as esperanças, e até mesmo nos caprichos. Se procurava affugental-a, era debalde. O conde de Aveiras, o noivo de Catharina, appresentava-se-lhe tantas vezes ao pensamento que parecia não o largar da vista, transformando-se os objectos para lhe offerecerem o seu retrato.

Pensando nelle, Theresa deixava pender a fronte, e o espirito ancioso ia perder-se nas meditações apaixonadas, em que os sentidos dormem e o sentimento reina, entre as promessas do futuro, tão meigas na pena, e tão suaves na tristeza! Caindo na realidade, e olhando para dentro do coração, tinha medo, escondia as faces, e por entre os dedos corriam as lagrimas em fio, mais doces do que amargas, como filhas da magoa, que não é só dôr, mas prazer tambem.

De noute, o agitado somno figurava-lhe a imagem do conde, de joelhos, aos pés da outra. A testa esfriava-se; o seio palpitante soffocava; e a bocca, entre murmurios, não podia achar nem um gemido. Subitamente, a forma vaga do sonho aclarava-se e descubria a face, mostrando-lhe o proprio rosto! O jubilo despertava-a e achando só as trevas, e o silencio, pareciam-lhe menos escuras ainda do que a noute, em que vivia.

De dia, lendo ou matizando ao bastidor, pasmava os olhos, esquecia-se de tudo, e o coração cheio de memorias conversava com a imagem que o entretinha. Se lh'o perguntassem, Theresa respondia, sem mentir: ainda não amo! Mas, observando os seus devaneios, seria facil marcar a hora, em que o affecto mais forte do que a vontade havia de ceder.

Á janella, com a face reclinada na mão, a irmã de Cecilia tinha a vista fita em Jeronymo. Encostada sobre o cotovello erguia-se em um desleixo, adoravel pelo requebro. Os cabellos em anneis confusos fugiam com travessura pelo collo, e sumiam-se no seio, ou menos indiscretos brincavam pelos hombros beijando a neve. Airosas e alvas, as roupas, apertadas no cinto, cahiam em pregas, ora encubrindo, ora revelando, o desenho das formas, segundo as descuidadas ondulações do corpo. A terna pallidez do semblante, corando-se daquelle reflexo de rosa branca, tão seductor quando uma sombra anilada rodeia as orbitas, luctava com as rendas, e sobresahia a ellas. A vista, facil em se esconder debaixo das timidas palpebras, volvia-se cheia de expressão e de silencio, acompanhando de languidez os suspiros, que exprimem o enlevo da alma. Só um pincel amoroso, rival das Graças, ousaria exprimir a doçura, com que a esperança receosa abria a flor de um sorriso no coral dos labios, ou com que a luz voluvel e agitada dos olhos reflectia os relampagos da paixão balbuciante.

Assim, a donzella tinha a idéa longe de Jeronymo e perto delle só a vista; o mancebo trazia no peito a imagem della, sem ainda a descubrir pelos sentidos. Passados instantes é que divisou a esbelta figura por entre os vidros, e lhe enviou de longe o beijo ineffavel de Romeo a Julietta. Tremula, agitada, Theresa perturbou-se, respondendo com um gesto e um sorriso. Era dó, era remorso? Que insondaveis abysmos tem o coração!

Que mil contradicções e caprichos encerra o amor!

O engano torna-se facil; porque a imaginação muitas vezes toma o logar da verdade. Theresa teria horror de enganar Jeronymo, e enganava-o, innocentemente! Sentindo illuminar-se a alma com aquelle sorriso, não pedido, quem se não julgaria amado? É que nas mulheres sensiveis até a amizade é perigo. Enche-se de carinhos e de candura, pede com uma graça tão affectuosa que para a distinguir do amor custa! O erro atrahe, e o mancebo, abraçando o seu, achava a illusão divina. O que seria se fosse a realidade?

L. A. REBELLO DA SILVA.

(*Continúa.*)

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXXVII.

PAX CHRISTI.

— Bem diz vossa paternidade, a similhança das situações em que se acham nossos reaes amos é tal que parece ter a providencia divina disposto unil-os pelas tribulações... talvez para os unir depois pelas felicidades.

— Tudo póde ser e tudo se deve esperar de quem não desampara os principes, que se interessam pelo engrandecimento da nossa religião. O soffrimento tem sido grande em Sua Magestade; se não fossem a muita modestia e grande paciencia da rainha, já as suas queixas teriam chegado aos ouvidos de toda a christandade. A tyrannia d'El-rei tem ido sempre crescendo, e agora em Salvaterra ainda ella se manifestou de uma maneira mais cruel, como todos viram: os validos cada vez abusam mais da auctoridade que El-rei lhes deixa, absoluta e despotica sobre o reino e até sobre a real familia; e demais, nem esperança póde haver já de que a coroa tenha herdeiro, filho do sr. D. Affonso.

Isto diziam caminhando lentamente por uma rua cuberta de parreiral, na cerca do noviciado da Cotovia, dois jesuitas, o padre Manuel Fernandes e o padre de Villes, o confessor de Sua Alteza e o confessor da rainha.

— O reino — disse o padre Fernandes — já começa a perder a esperança de vêr perpetuar-se a coroa em descendentes d'El-rei; e são grandes, são justos os receios que muitas pessoas prudentes manifestam de que, se por desgraça o Infante morresse, nos vissemos outra vez em poder dos hespanhoes, e agora sem remissão, sem podermos tornar a recobrar a nossa independencia.

— Deus tudo faz pelo melhor — acudiu o padre de Villes. — Se Sua Alteza tem até agora mostrado tanta repugnancia ao casamento, é porque um sentimento intimo, irresistivel, superior á vontade e ao entendimento, lhe veda o sacrificar-se ao bem da patria *Etiam optima est commoditas in ipsis vitiis.* — E o padre riu ao repetir o texto do *Directorium.*

— A providencia vê mais longe do que os homens, é verdade; e em tudo isto ella parece andar manifestando sempre o seu misterioso poder.

— Os perigos a que a rainha anda exposta, padre Fernandes, são grandes, muito grandes: as violencias a que El-rei tem chegado já bastam para se poder por ellas avaliar até onde póde ir a colera de Sua Magestade. A rainha está na firme resolução de salvar a sua honra, a sua consciencia, e o Estado, pedindo para isso, se necessario for, auxilio ao rei de França, fugindo do paço, fazendo publica a historia secreta do seu casamento. É porém minha opinião, e já a esse respeito disse algumas palavras a Sua Magestade que não foram desatendidas, que a rainha e Sua Alteza devem unir as suas forças para destruirem, com menos risco, o poder dos validos.

— É essa tambem a opinião do sr. Infante — interrompeu o jesuita portuguez. — E no coração delle ha um sentimento que o leva a desejar, a pedir, a solicitar essa união. Eu já outro dia lhe dei conta da conversação que tivemos aqui mesmo, ácerca das desgraças da corte e do reino; disse-lhe as relações em que a rainha está com o general Schomberg e o grande proveito que do apoio do general se póde colher, e Sua Alteza mostrou, como era de esperar do seu magnanimo coração, desejo de entrar immediatamente na ardua empreza de salvar a patria e a religião.

— Ah! ah! As forças assim ficam pelo menos eguaes. De um lado El-rei com os validos; do outro a Rainha e o Infante. Ha meios para conseguir que França tome interesse nesta contenda; e o povo, a Companhia deve chamal-o ao partido dos principes, que é tambem o partido della.

E o padre de Villes parou, esfregando as mãos, a deixando abrir-se-lhe na bocca um riso de esperança, quasi de triumpho.

— E é; o partido de Sua Alteza é o partido da sociedade de Jesus — disse o padre Fernandes, depois de meditar um instante. — Quando acabou a regencia da rainha mãe, daquella santa rainha que tanto amou a religião e trabalhou para a sua propagação, acabou tambem o grande poder da Companhia em Portugal. O tribunal das missões, creado pelo nosso padre André Fernandes, que tanto fez crescer e prosperar o negocio da conversão das almas nas regiões da Asia, da Africa, e da America, está quasi extincto. El-rei não tem um confessor, um director espiritual da Companhia, e por isso ahi vae, levado pela furia das paixões mundanas, a um abysmo que a rasão humana não póde sondar; e arrasta comsigo na queda o reino todo, e essas colonias vastissimas da America onde os missionarios tem já estabelecido, á custa do sacrificio de tantas vidas, um reino segundo o espirito christão, onde tudo é paz, tudo é fé, tudo é obediencia cega aos que governam em nome da religião.

— O descredito de El-rei é grande já, mesmo entre o povo: todos notam o seu pouco amor pela religião, a vida desregrada que leva, as offensas que injustamente faz a seu irmão e á Rainha, e as injustiças que pratica com muitos dos mais excellentes e illustrados fidalgos e sacerdotes. E com a fama o sr. D. Affonso vae perdendo a força para se manter no throno, e o amor dos portuguezes.

— Pois até ao ponto de lhe tirar o reino deve chegar Sua Alteza? Isso não faz o sr. Infante, por certo.

— Sua Alteza não, a nação sim — disse o francez. — A nação junta em cortes póde, deve tirar o governo ao sr. D. Affonso, porque assim é necessario para a sua conservação e defensão natural. Mas por agora a guerra deve ser toda contra os validos, contra o conde de Castello-Melhor principalmente; porque em faltando esse apoio, o resto cáe por si.

— E quem ha de auctorisar esse acto das cortes contra a soberania de um rei?

— Vossa paternidade é muito sabio — respondeu o padre de Villes socegadamente — para desconhecer a opinião do grande Bellarmino. O papa, como soberano espiritual que é, póde, se assim for preciso para a salvação das almas, mudar os imperios, tirar a coroa a um para a dar a outro principe: *Potest mutare regna, et uni aufferre atque alteri conferre.*

— E as consequencias?

— As consequencias serão o termos em Portugal um rei pio e santo, que terá por director espiritual Vossa Paternidade, jesuita virtuoso e illustrado, fará tudo pela religião, dará ás missões meios para conquistarem muitas almas e augmentarem as aldeias dos indios convertidos á fé; um rei, emfim, que por dever a coroa aos esforços da companhia, não se esquecerá de trabalhar para a realisação do Quinto Imperio, que o nosso padre Vieira annunciou, e que deve ser o triumpho cabal das doutrinas de Santo Ignacio.

Os dois jesuitas depois disto continuaram a caminhar lentamente por baixo do parreiral, sem

dizerem palavra um ao outro; absortos na meditação, que tão ousados projectos deviam necessariamente provocar em homens reflexivos, e sempre preoccupados com a idéa de engrandecerem, e tornarem senhora do mundo, pela dominação das consciencias, a ordem religiosa a que ambos pertenciam.

Depois de largo silencio, o padre de Villes parou diante do seu companheiro, e em tom de voz entre severo e jovial:

— Então podemos ter a alliança dos principes como feita? — perguntou.

— Parece-me... estou certo que podemos dar por concluida a alliança — respondeu o padre Fernandes. — Sua Alteza não se recusará a sacrificio algum para salvar a patria e a religião.

— Dizia, porém, Vossa Paternidade ha pouco, que o sr. Infante não consentiria em tirar a coroa a seu irmão?

— Em lhe tirar a coroa não. Mas Sua Alteza — assim o devemos esperar todos os que desejamos o augmento da christandade — ha de aceitar o governo do reino se a nação lho confiar. O padre Vieira esteve ha mezes aqui em Lisboa, e fallou com o sr. Infante. O sr. D. Pedro crê nas profecias, tem confiança nos altos destinos, que estão reservados para Portugal.

— Agora o que é necessario é prudencia, silencio e inviolavel segredo.

— E quem ha de trahir o segredo.

— O acaso, um descuido talvez — acudiu o jesuita francez. — Devo contar-lhe, padre Fernandes, um caso que succedeu ha dias, e que prova que toda a prudencia é pouca, quando se tracta de uma coisa grave e melindrosa, como é esta, em que nos achamos empenhados.

— Diga Vossa Paternidade o caso.

— A rainha está em correspondencia activa com o conde de Schomberg, a cuja alma elevada e excellente caracter não podiam deixar de ser sensiveis as desgraças de sua magestade. Depois de ter feito dificuldade a principio em entrar nesta conjuração contra os validos, — porque, como já disse ha pouco a Vossa Paternidade, é só contra os ministros d'El-rei que por ora se devem dirigir os nossos esforços, — depois de ter feito dificuldade, como ia dizendo, o Schomberg abraçou a causa da Rainha, e da justiça...

— E depois?

— O general, desde então, escrevia directamente a sua magestade, participando-lhe tudo quanto succedia no exercito e na côrte, de que se podesse tirar proveito para o nosso triumpho. Outro dia, porém, quando ella estava ainda na cama, lendo uma carta que o conde de Schomberg lhe escrevêra, entraram-lhe no quarto a camareira-mór e El-rei, e acusando-a de priguiçosa e de faltar aos seus deveres religiosos — o sr. D. Affonso, que a tudo falta, e que muitas vezes ouve missa mesmo na cama, a reprehender Sua Magestade, que é uma sancta — e, accusando-a e dizendo-lhe muitas palavras duras, obrigaram-na a levantar-se á pressa, e a correr á capella real. Foi ahi, quando a missa já estava começada, que a rainha se lembrou que esquecera a carta debaixo do travesseiro. — N'uma angustia inexprimivel, chamou por mim, e ordenou-me que fosse ao seu quarto buscar a perigosa carta que lá ficara. — Minha senhora, observei então, eu, um padre, um jesuita, quer Vossa Magestade que ouse meter a mão na cama de uma rainha. — Vá, senão está tudo perdido. — Obedeci. Quando, porém, ia a entrar no quarto, ouvi as vozes d'El-rei e da marqueza de Castello-Melhor que fallavam alto, dizendo mal da Rainha. Voltei para a capella...

— E o que fez Sua Magestade?

— Mandou uma das suas damas, mademoiselle d'Amurande, que voltou sem ter conseguido salvar a carta; porque o sr. D. Affonso estava sentado na cama da Rainha.

— E nessa conjunctura dificil...

— A Rainha fingiu-se indisposta, um desmaio, um deliquio; e mal a levaram para o quarto, e a deitaram sobre a cama, estendeu o braço, apalpou debaixo do travesseiro...

— E a carta?

— Estava, onde Sua Magestade a tinha deixado. E assim nos livrou a providencia de vermos frustrados, por um acaso fatal, todos os nossos projectos de salvação para Portugal, e de engrandecimento para a Companhia.

— Foi um aviso do ceu, para nos recommendar a prudencia e o segredo.

— Tudo, como vê, padre Fernandes — disse o francez, — parece dispôr-se favoravelmente para os nossos fins. Carecemos do apoio de França para pôr termo á grande obra; mas esse alcançal-o-hemos facilmente, em lhe dizendo: *Sis felix, nostrumque leves laborem.*

— Peço perdão a Vossa Paternidade — atalhou o padre Fernandes. — A minha opinião é que não carecemos do apoio de França, senão para o momento do combate. Conselhos de tão longe escusamol-os: e França não dará auxilio ao sr.

Infante e á Rainha, senão entregando-se-lhe a direcção de tudo.

— Tem rasão, padre Fernandes — disse de Villes, depois de reflectir. — Basta que a Rainha, como eu já lhe aconselhei, prepare com uma carta Luiz XIV para os acontecimentos futuros, lhe conte os seus padecimentos, e a impossibilidade em que está, para tranquillidade da sua consciencia e segurança da sua honra, de continuar a viver com o sr. D. Affonso.

— Sua Magestade poderá tambem na sua carta dizer a El-rei de França o quanto Sua Alteza se interessou pelo tractado de liga, o muito que contribuiu para que se concluisse com tanta brevidade, e a pena que lhe tem causado o vêr os estorvos que os validos tem posto a que Sua Magestade christianissima consiga conquistar em Galliza uma praça aos hispanhoes.

— Será util que a carta seja mandada com a maior brevidade possivel. De um dia para o outro póde chegar uma conjunctura, em que convenha sair a campo com as forças de que dispomos, e levar de uma arrancada esta praça, cujas muralhas se acham já delidas, desmoronadas quasi, e com os alicerces escavados pelos trabalhos dos nossos mineiros.

— Ah! ah! Bem se vê que vossa paternidade está premeditando uma guerra; falla como o conde Schomberg — atalhou, rindo, o confessor do Infante.

— Parecia-me tambem util, que Sua Alteza escrevesse algumas linhas a El-rei de França — proseguiu o francez, sem attender ao gracejo do seu confrade. — Dando-lhe, por exemplo, os parabens de se achar assignado o tractado de liga.

— Essa carta poderia ser considerada como a confirmação do tratado: e quando Sua Alteza governar Portugal...

— Fará o que julgar ser mais conveniente á nação cujos destinos Deus lhe tiver confiado. Portugal tem extensissimas colonias, onde ha milhares de almas a converter: os seus interesses são os de toda a christandade, e principalmente os da nossa Companhia.

— Está resolvido — proseguiu o confessor da Rainha — Sua Magestade e Sua Alteza escreverão a Luiz XIV, e em dois dias pôr-se-ha a caminho o mensageiro.

— Mas esse, é preciso que seja homem seguro. Temos aqui mesmo, escondidos neste noviciado, dois homens, ambos criados do sr. Infante. Um, todos o julgam morto; é aquelle capitão Francisco d'Albuquerque, que se disse terem os da patrulha baixa roubado uma noite da Côrte-Real. O outro é um Luiz de Mendonça, moço fidalgo, que El-rei mandou assassinar, e que até agora tem escapado aos punhaes dos assassinos.

— São seguros?

— Ambos segurissimos. Francisco d'Albuquerque está namorado da Calcanhares, e eu prometi-lhe um asilo seguro para ir viver com a sua amante. Depende da Companhia este.

— E o outro?

— O outro arriscou a vida por duas vezes, uma para apanhar n'uma tourada um lenço da Rainha, outra, agora em Salvaterra, para salvar a Rainha da furia de um javali. Bem vê, Vossa Paternidade...

O padre de Villes levantou a vista para o outro jesuita, e leu-lhe nos olhos o resto da frase que este havia callado.

— Obedientes e silenciosos ambos? — perguntou.

— Um e outro como o cadaver: *perinde ac cadaver.*

— *Pax christi* — disse o padre de Villes, saudando o padre Fernandes.

— *Pax christi* — repetiu este.

E os dois jesuitas separaram-se, para irem, um dar parte á Rainha, outro ao Infante, do pacto que acabavam de fazer em nome de seus reaes amos.

J. DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

Suicidio de um litterato.—No dia 2 do corrente julho fez-se em Paris na rua la Harpe leilão dos manuscriptos que deixou, com o direito de publicação, o desventurado escriptor da *Biographie des hommes du jour*, da *Histoire galante des rois et des reines de France*, do *Dictionnaire des delits et des peines* e de outras muitas obras; que se matou em o principio de abril pendurando-se n'um laço, armado e suspenso n'um troço de páu collocado por cima da porta da sua livraria.

Mr. Saint-Edme, que fôra commissario do exercito, secretario do marechal Berthier, e posteriormente escriptor laborioso e historiador apreciavel, tendo publicado 83 volumes, gradualmente chegára a tal estado de desalento e miseria que, segundo vemos na sua autobiographia, no mesmo dia em que resolvêra matar-se, se vira obrigado a vender alguns livros para jantar por 21 soldos e comprar os instrumentos do suicidio. Não tendo dinheiro sufficiente para uma pistola certa, que não falhasse, repugnando-lhe deitar-se a afogar, e querendo evitar a agonia

lenta da asphyxia, decidiu-se pelo modo porque acabou Pichegru, a estrangulação...

« Abandonado, solitario, enganado, sem consola-
« ção nem esperança; perseguido pela necessidade,
« a penuria; deprimido, abatido, calumniado, ultra-
« jado; só vi um meio de sahir desta situação ex-
« trema; é esse o suicidio. »

Estas duas linhas precedem a dolorosa narração dos horriveis preparativos de um homem que teve o animo tão forte ou tão fraco de deixar quatro filhas orphãs, sem luctar por bem dellas até que Deus dissesse — basta!

Fosseis perpetuados.—Fez-se a encommenda de certo numero de grupos de animaes para o jardim das plantas de Paris, e por essa occasião houve a lembrança de resuscitar por via da estatuaria os animaes antediluvianos, de novo achados e tão admiravelmente descriptos por Mr. Cuvier.

Foi encarregado Mr. Fremiet de esculpir o *plesiosaurus dolichoderius*, especie de reptil do genero dos lagartos, que segundo os dados da sciencia tinha pescoço de cisne e proporções colossaes; Mr. Jacquemart fará da mesma maneira o *pteradactylus crassirostris*, morcego que tinha formas immensas e cabeça de crocodilo. Assim teremos imagens desses fragmentos dos seculos primitivos, desenterrados e recompostos pelo talento do homem.

Traste feito de materia nova.—Desde os principios de junho admira-se em uma sala do Elyseu uma meza maravilhosa, obra prima de um ex-official inferior dos *spahis* (corpo que serve na Africa franceza).

É de páu e todos supporiam ser feito de renda; com effeito é de um lenho que na Argelia chamam *renda do Sahara*, sendo o seu verdadeiro nome *Opuntia*, da familia dos cactos, especie de cochonilheira ou figueira da India, que cresce nos terrenos quentes da parte argelina, e dá um fructo mediocre. Ainda ha pouco só era aproveitado para vallados e tapumes; porém, a industria e talento de Mr. Toussaint vae dar-lhe grande valor.

Esta madeira, arrendada, e tão resistente quanto flexivel, presta-se a todas as formas que Mr Toussaint sabe dar-lhe, como, vasos, mezas, jardineiras, estantes, armarios etc. São obras originaes, engraçadas, e elegantes.

EDUCAÇÃO DE MENINAS.

Das pouquissimas casas que em Lisboa temos para a educação feminil, a que se possa dar louvor, uma é a da sr.ª D. Catharina Alvares de Andrada. Dalli tem sahido um grande numero de senhoras completas que hoje estão sendo no tracto domestico exemplares, e nas sociedades ornamentos mui distinctos. Em umas e outras qualidades excede a illustre directora; das suas virtudes familiares, moraes, e intimas é prova o filial affecto e respeito com que as alumnas a tractam, e que nunca depois se vem a desmentir ou enfraquecer; dos seus talentos agradaveis, e da arte com que os sabe transmittir, são testimunhas quantas pessoas frequentam as salas, em que se reunem companhias escolhidas. A conhecimentos mui variados em litteratura, assim nacional como estrangeira, ajunta a sr.ª Andrada uma rara perfeição na arte, que de todas é a mais propria do seu sexo, a musica; sendo igualmente destra no pianno que na harpa.

A doutrina Christã, a historia sagrada e profana, a geographia, a grammatica geral e particular das lingoas portugueza, franceza e ingleza, a escripta e a arithmetica são os ramos de instrucção daquelle estabelecimento.

O methodo alli adoptado permitte que as meninas, dentro em mui pouco tempo, fallem correntemente, sem esforço nem confusão, pelo uso de umas e outras, as tres linguas sobreditas.

A par destes talentos corre a cultura de todas as mais prendas que devem adornar qualquer senhora, nas diversas situações sociaes, e sobretudo as qualidades essenciaes que devem distinguir uma boa mãe de familias.

Os preços da pensão mensal são os seguintes:

Para as despezas geraes............	12:800 réis
Musica e desenho...................	4:800 »
Dança..............................	1:600 »

Attendendo a que algumas mães de familias, até das mais distinctas na ordem social, senão apartam facilmente de suas filhas e preferem, que findas as horas do ensino voltem diariamente á casa materna admittem-se, mas só com a mesma escrupulosa escolha, algumas discipulas externas.

Para essas os preços da pensão mensal são os seguintes:

Para despezas geraes...............	7:200 réis
Musica e desenho...................	4:800 »
Dança..............................	1:600 »

O estabelecimento está situado n'um dos bairros mais centraes e mais saudaveis de Lisboa, rua da Emenda n.º 10.

O interesse que tomâmos no bem publico nos obriga a recommendarmos este bello estabelecimento a todas as boas mães de familias.

Paga-se sempre um trimestre adiantado.

O que se acaba de ler, abonado e authenticado com tão bello nome, como sempre o ha de ser em Portugal e na Europa, o do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, publicamol-o nós ha annos na *Revista Universal Lisbonense* quando a redigiamos. O tempo, que tanta cousa transforma, e tantissima destroe, ainda não alterou em ponto algum o objecto destes não vulgares, destes justissimos elogios.

Mad. de Andrade senão é já precisamente a mesma é só porque a continuação da sua experiencia, e do seu estudo consciencioso em tão difficil materia como é o educar e instruir-se, a teem de então para cá tornado instituidora ainda mais perfeita.

O que o sr. Pinheiro Ferreira, nosso amigo, e mestre então escrevia, e não duvidava assignar, repetimol-o nós hoje, nós não menos devotos da instrucção do que elle, e como elle assignamos tambem.

Antonio Feliciano de Castilho.